

MIA COUTO

Na berma de nenhuma estrada *e outros contos*

1^a reimpressão



Copyright © 1987 by Mia Couto e Editorial Caminho SA, Lisboa

A editora manteve a grafia vigente em Moçambique, observando as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Ilustração de capa

Angelo Abu

Revisão

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Couto, Mia

Na berma de nenhuma estrada e outros contos / Mia Couto.
— 1^a ed.— São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2755-9

1. Contos moçambicanos (Português) I. Título.

15-03010

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura moçambicana em português 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*(Diante do amor
ela arrepiou o coração:
não tenho asas para tanto paraíso!)*

Sumário

O menino no sapatinho	11
Ofélia e a eternidade	17
Bartolominha e o pelicano	21
Fosforescências	25
O fazedor de luzes	29
As lágrimas de Diamantinha	35
Isaura, para sempre dentro de mim	41
O moço não mental	45
Francolino e Lucinha	49
O arroto de Dona Elisa	55
A bênção	59
A morte, o tempo e o velho	67
A outra	71
Prostituição auditiva	77
Amor à última vista	81
O último ponto cardeal	87
As cartas	91
A multiplicação dos filhos	95
As revelações do falecido	99
Ezequiel, a humanidade	105

Dois corações, uma caligrafia	109
A cantadeira	115
Homem no leito.	121
Na berma de nenhuma estrada	125
O amante do comandante	131
O assalto	137
Os amores de Alminha	141
O escrevido	145
O falecimento	149
Os gatos voadores	153
Os vizinhos	159
A adivinha	163
E para o baile!	169
Na terceira pessoa	175
Prenda de anos	179
Ave e nave	181
A confissão de Tãobela	185
Rosita	189

O menino no sapatinho

Era uma vez o menino pequenito, tão minimozito que todos seus dedos eram mindinhos. Dito assim, fino modo, ele, quando nasceu, nem foi dado à luz mas a uma simples fresta de claridade.

De tão miserenta, a mãe se alegrou com o destamamento do rebento — assim pediria apenas os menores alimentos. A mulher, em si, deu graças: que é bom a criança nascer assim desprovida de peso que é para não chamar os maus espíritos. E suspirava, enquanto contemplava a diminuta criatura. Olhar de mãe, quem mais pode apagar as feiuras e defeitos nos viventes?

Ao menino nem se lhe ouvia o choro. Sabia-se de sua tristeza pelas lágrimas. Mas estas, de tão leves, nem lhe desciam pelo rosto. As lagriminhas subiam pelo ar e vogavam suspensas. Depois, se fixavam no teto e ali se grutavam, missangas tremeluzentes.

Ela pegava no menino, com uma só mão. E falava, mansinho, para essa concha. Na realidade, não falava: assobiava, feita uma ave. Dizia que o filho não tinha entendimento para palavra. Só língua de pássaro lhe

tocaria o reduzido coração. Quem podia entender? Ele há dessas coisas tão subtils, incapazes mesmo de existir. Como essas estrelas que chegam até nós mesmo depois de terem morrido. A senhora não se importava com os dizquedizeres. Ela mesmo tinha aprendido a ser de outra dimensão, florindo como o capim: sem cor nem cheiro.

A mãe só tinha fala na igreja. No resto, pouco falava. O marido, descrente de tudo, nem tinha tempo para ser desempregado. O homem era um fiorrapo, despacha-gargalos, entorna-fundos. Do bar para o quarto, de casa para a cervejaria.

Pois, aconteceu o seguinte: dadas as dimensões de sua vida e não havendo berço à medida, a mãe colocou o menininho num sapato. E cujo era o esquerdo do único par, o do marido. De então em diante, o homem passou a calçar de um só pé. Só na ida isso o incomodava. Na volta, ele nem se apercebia de ter pés, dois na mesma direção.

Em casa, na quentura da palmilha, o miúdo aprendia já o lugar do pobre: nos embaixos do mundo. Junto ao chão, tão rês e rasteiro que, em morrendo, dispensaria quase o ser enterrado. Uma peúga desirmandada lhe fazia de cobertor. O frio estreitasse e a mulher se levantava de noite para repuxar a trança dos atacadores. Assim lhe calçava um aconchego. Todas as manhãs, de prevenção, ela avisava os demais e demasiados:

— *Cuidado, já dentrei o menino no sapato.*

Que ninguém, por descuido, o calçasse. Muito-muito, o marido quando voltava bêbado e queria sair

uma vez mais, desnoitado, sem distinguir o mais esquerdo do menos esquerdo. A mulher não deixava que o berço fugisse da vislembança dela. Porque o marido já se outorgava, cheio de queixa:

— *Então, ando para aqui improvisar um coxinho?*

— *É seu filho, pois não?*

— *O diabo que te descarregue!*

E apontava o filhote: o individuozito interrompia o seu calçado? Pois que, sendo aqueles seus exclusivos e únicos sapatos, ele se despromoveria para um chinelado?

— *Sim* — respondeu a mulher. — *Eu já lhe dei os meus chinelos.*

Mas não dava jeito naqueles areais do bairro. Ela devia saber: a pessoa pisa o chão e não sabe se há mais areia em baixo que em cima do pé.

— *Além disso, eu é que paguei os tais sapatos.*

Palavras. Porque a mãe respondia com sentimentos:

— *Veja o seu filho, parece o Jesuzinho empalhado, todo embrulhadinho nos bichos de cabedal.*

Ainda o filho estava melhor que Cristo — ao menos um sapato já não é bicho em bruto. Era o argumento dela mas ele, nem querendo saber, subia de tom:

— *Cá se fazem, cá se apagam!*

O marido azedava e começou a ameaçar: se era para lhe desalojar o definitivo pé, então, o melhor seria desfazerem-se do vindouro. A mãe, estarrecida, fosse o fim de todos os mundos:

— *Vai o quê fazer?*

— *Vou é desfazer.*

Ela prometia-lhe um tempo, na espera que o bebé

graudasse. Mas o assunto azedava e até degenerou em soco, punhos ciscando o escuro. Os olhos dela, amendoídos ainda, continuaram espreitando o improvisado berço. Ela sabia que os anjos da guarda estão a preços que os pobres nem ousam.

Até que o ano findou, esgotada a última folha do calendário. Vinda da igreja, a mãe descobriu-se do véu e anunciou que iria compor a árvore de Natal. Sem despesa nem sobre peso. Tirou à lenha um tosco arbusto. Os enfeites eram tampinhas de cerveja, sobras da bebedeira do homem. Junto à árvore ela rezou com devoção de Eva antes de haver a macieira. Pediu a Deus que fosse dado ao seu menino o tamanho que lhe era devido. Só isso, mais nada. Talvez, depois, um adequado berço. Ou quem sabe, um calçado novo para o seu homem. Que aquele sapato já espreitava pelo umbigo, o buraco na frente autorizando o frio.

Na sagrada antenoite, a mulher fez como aprendera dos brancos: deixou o sapatinho na árvore para uma qualquer improbabilíssima oferta que lhe miraculasse o lar.

No escuro dessa noite, a mãe não dormiu, seus ouvidos não esmoreceram. Despontavam as primeiras horas quando lhe pareceu escutar passos na sala. E depois, o silêncio. Tão espesso que tudo se afundou e a mãe foi engolida pelo cansaço.

Acordou cedo e foi direta ao arbusto de Natal. Dentro do sapato, porém, só o vago vazio, a redonda concavidade do nada. O filho desaparecera? Não para os olhos da mãe. Que ele tinha sido levado por Jesus, rumo aos céus, onde há um mundo apto para crianças. Descida

em seus joelhos, agradeceu a bondade divina. De relance, ainda notou que lá no teto já não brilhavam as lágrimas do seu menino. Mas ela desviou o olhar, que essa é a competência de mãe: o não enxergar nunca a curva onde o escuro faz extinguir o mundo.

Ofélia e a eternidade

Quem amamos nasce antes de haver o tempo. Passou o tempo e Ofélia era ainda a única mulher no mundo. Eu a via passar na rua, afastava os cortinados e o universo ganhava súbita explicação. Ela parava no passeio, sentindo que estava sendo contemplada. Meus olhos a tornavam sagrada. E não havia palavra.

Passou o tempo mas a cintura dela se conservava menininha, convidando as mãos a circum-navegarem seu corpo.

— *Você é linda, Ofélia.*

Mas ela! Não eram essas as palavras que mexiam em sua alma.

— *Diga que sou eterna* — pedia.

Eu não era capaz de cumprir aquele pedido. Algum senão me desviava a voz. E nunca repeti tão solicitadas palavras.

Afinal, o destino nos separou. Único culpado dessa pequena morte: o tempo, esse animal que defeca memórias. Eu fui para a cidade, ela permaneceu onde

sempre existira. No último momento, afastei a cortina e a vi sob a árvore. Saí para me despedir:

- *Está apanhando sombra?*
- *Estou sendo sombra, eu.*

Ela se entregava a enigmas, frases desfeitas. Anunciei:

- *Vou para o litoral.*
- *Vai ver o mar?*
- *Certamente.*

Antes de eu desaparecer ela me pediu outra vez. Não queria eu proclamar sua eternidade? Abanei a cabeça. Dessa vez até aceitei um esforço. Mas, debaldemente. Aquelas palavras me pareciam uma heresia, coisa demasiado excessiva. Eternidade é assunto divino. Mais sagrado que a morte.

Saí por anos. Foi mais a ausência que o afastamento. Regressei à pequena vila para a reencontrar. Ofélia já reeditara sua existência. Tivera seis filhos. Dois que já não constavam, vencidos por um correr das águas. Dizem. Naquelas mortes de seus meninos ela morrera também. Ela fora com eles. Para esse inominável lá.

— *De lá já voltei ninguém* — disse ela, pedindo desculpas de sua tristeza quando nos reencontrámos.

Atacada de incorrigível melancolia. Agora, ela se tinha toda convertido em sombra. E nenhuma luz lhe dava alento. O luto em seus olhos me avisou: os cortinados de meu quarto se fechariam sobre todas as ruas onde ela passasse.

Sugeri-lhe que nos déssemos encontro. Breve, sem consequência. Marcámos nas traseiras dos Correios.

Cheguei-me e não soube que palavras escolher. O momento pedia-me um idioma que não há. Eu me faltava. Ela me olhou como se eu fosse quem tivesse demorado. Como se eu fosse culpado.

— *Vou-lhe contar uma história* — disse eu apenas para amachucar o silêncio.

Ela reagiu prontamente:

— *Nunca, mas nunca, me conte histórias.*

Era tanta a veemência que eu me atrapalhei com o sem-querer da minha ofensa.

— *Odeio história* — rematou ela.

Deixou uma pausa, esperando em pose e apelo. Aguardava, quem sabe, que eu perguntasse porquê. Como eu me mantivesse mudo, ela somou:

— *História é contra a eternidade.*

Acenei com a cabeça. Perdera os filhos, não perdera aquela viciada ideia.

— *Sou eterna, não lembra?*

Depois ela me segurou na mão e me perguntou:

— *Me trouxe um mar?*

— *Sim.*

Mentira. Eu só podia mentir perante o pedido. Ela ficou, imóvel, esperando. Esperava? Que mar lhe havia eu de dar, se nenhum me coubera, nem grão de areia, nem concha, nem búzio. E, no entanto, ela estava defronte a mim como se aquele momento resumisse toda nossa existência. Fiquei tão desarmado que uma lágrima desabafou em meus olhos. Depois aconteceu, sem decisão pensada. Aquilo me saiu, à parte de minha vontade. De repente, quase imperceptíveis, as palavras me afluíram:

— *Você é eterna, Ofélia.*

Ela levantou o rosto e me enfrentou como se me descobrisse em primeira vez. Se aproximou e me beijou. Estendeu os dedos e recolheu esse esboço de água em meus olhos. Depois, com voz sumida:

— *Obrigada por este mar.*

Desde aquele momento, nunca mais voltaram a morrer seus dois filhos falecidos. Que eu diria: meus dois filhos de lá. Porque sou Ofélia, eu mesmo que desfolho esta estória. Sim, sou a mulher a quem, certa vez, na ponta dos dedos, foi oferecido o mar. O resto é a minha eternidade contra a história. Pois nunca existiu homem nenhum que me tivesse amado e empreendesse, alguma vez, viagem alguma para além deste lugar.